

19.92

19/92

Ives Gandra da Silva Martins

O PAULISTA MENOTTI DEL PICCHIA

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,  
Membro da Academia Paulista de Letras e  
da Pensão Jundiaí.

Conheci Menotti del Picchia, quando era deputado por São Paulo. Terminava eu meu curso de Direito, meus irmãos pianistas João Carlos e José Eduardo Martins começavam a dar seus primeiros recitais e Antonieta Rudge, que foi, por mais de 50 anos, a musa inspiradora do poeta, estimulava os jovens a seguir carreira.

Meu pai que, aos 93 anos, continua sólida carreira literária iniciada ao 84 anos, por incentivo de Menotti, promovia, à época, reuniões artísticas, em casa, a que compareciam os melhores expoentes do meio musical e muitas expressões do mundo literário. Um deles era Menotti. Paulo Bomfim, algumas vezes, Mário Chamie, muitas. Os grandes vultos da música brasileira, todavia, sempre lá estavam: Camargo Guarnieri, José Kliass, Eduardo Guarnieri, Armando Bellardi, Eleazar de Carvalho e, quando passavam por São Paulo, Villa Lobos e Horward Mitchell, que conduziu a Orquestra Nacional de Washington por mais de uma década.

Ouvíamos música. Os pianistas exibiam sua técnica. As cantoras deliciavam o auditório com árias escolhidas e, vez por outra, os poetas declamavam. Com timidez recitava meus primeiros versos, enquanto Menotti, com a fluidez e eloquência que sempre teve, lembrava alguns dos seus. E prendia a assistência sempre que lembrava o Movimento de 22, sua vida de crítico, jornalista, romancista, poeta, filósofo, político e pintor.


Ainda hoje, lembro-me. perfeitamente, a forma como Menotti contava a sua vida, que era a própria História de São Paulo. Suas palavras eram sempre densas, com adjetivação perfeita e rica. Gostava de dar ênfase vocal aos adjetivos, que explicavam melhor o que queria dizer que os substantivos e sua voz, quando assim fazia, era mais profunda e as palavras mais lentamente pronunciadas.

E durante 30 anos estivemos em reuniões semelhantes, em casa de meus pais. Passavam Menotti, Antonieta e sua filha Helena, todos os anos, o dia 31 de dezembro juntos e seu estilo e sua maneira de ser a todos encantava. Até mesmo os meus filhos pequenos, para quem sempre preparava um desenho especial, guardam, como recordação daqueles tempos, este gesto de carinho.

Tais reminiscências do amigo Menotti objetivam trazer, para a Revista Memória, um pouco do que dizia naquelas reuniões e que, embora transcrito nos livros, tinha um sabor especial por que era ele quem o contava.

Menotti foi, por excelência, um paulista. Não deixou em todas as suas virtualidade de representar São Paulo. Mesmo seu primeiro livro de poesia, cujo nome permitiu que se auto-criticasse, anos após, pois nele encontrava mais vícios que virtudes, é um livro paulista. Do amor e do lirismo de São Paulo.

"Juca Mulato" e as "Máscaras", este escrito em desafio poético a outro gigante da poesia, Martins Fontes, têm o timbre da paulistânia, da terra que o viu nascer. Juca Mulato retrata o homem, a terra, o povo, o jeito do interior, que conheceu muito



*bem nos tempos de Itapira e de que nunca mais se esqueceu em sua obra.*

*Na Tribuna de Santos, na Gazeta e no Correio Paulistano é o jornalista de visão universal, com raízes dramaticamente paulistas, que surgem em seus escritos, sempre buscando encontrar o veio da inspiração nas terras de Piratininga.*

*Poucos, talvez, tenham percebido a influência que São Paulo exerceu no Movimento de 22. A crítica fala de movimento nacional de rebeldia artística, quando, de rigor, é um movimento paulista, com adesão de outras regiões do país, que gerou revolução e incitou novos padrões e novos horizontes culturais. É para as artes o que a revolução de 1932 foi para o constitucionalismo brasileiro.*

*E Menotti enfrentou a crítica conservadora da época, como os bandeirantes no passado, distendendo as fronteiras do Reino até a epopéia dos emboabas.*

*O Movimento de 22, de que Menotti é um dos símbolos, buscou uma ruptura, muito embora nem todos propugnassem por um modernismo que se esgotasse na contestação. A contestação de Menotti é uma contestação de volta aos valores "telúricos", expressão de que tanto gostava, de retorno à pátria, mas não aceita o estilo que objetiva "chocar", e no "chocar" esgota sua criatividade.*


*Certa vez, quando lancei meu primeiro livro de poesias (Pelos Caminhos do Silêncio), que mereceu, em 1956, crítica positiva*



de Menotti, pelas páginas de "A Gazeta", falei-lhe sobre a sensação que sua poesia e seus escritos me causavam, de ser ele um revolucionário de 22 contra o conservadorismo estéril da época, mas também um lutador de 45, com o retorno renovado às formas clássicas da poesia. Lembro-me que riu e disse-me que ele se sentia um poeta integrado aos movimentos anteriores a 22, ao Movimento de 22, ao Movimento de 30 e à geração de 45, porque apesar de sempre apoiar a criatividade artística e a renovação dos talentos, ele era um paulista de Itapira, compulsivamente, levado a escrever e a dizer o que sentia para não ficar sufocado. Participava, pois, "de todas as gerações", sem perder a sua maneira de ser, que era apenas sua. "Sou de todos os movimentos, mas sou antes de tudo um rebelde que não sabe ficar calado". Se as palavras não foram estas, foi a idéia que me ficou de minha perquirição juvenil.

Talvez, por esta razão, é que se lançou na política. Talvez por esta razão é que foi trabalhista, acreditando, como em Juca Mulato, que do trabalho vem a riqueza dos povos e das nações. Na poesia, no romance e na política sempre se identificou com a gente de sua terra e a sua terra natal era São Paulo.

Lembro-me que ao terminar de ler a "Filha do Inca", à época em que os filmes de ficção científica começavam a aparecer, comentei em uma das reuniões --passava horas ouvindo Menotti falar-- que aquele romance era um precursor da moderna ficção científica. Lembro-me que me disse: "É mais do que isto, Ives", "É um romance de surgimento da nacionalidade. Da crença no povo que, mesmo submetido pela tecnologia avançada, cria, das poucas forças que tem, outras renovadas para escapar à submissão e ao cativo. O romance retrata um herói brasileiro, preso em uma República com 1.000 anos de avanço tecnológico, que consegue salvar a filha prisioneira de um povo quase extinto, com os recursos de sua



Ives Gandra da Silva Martins

.05.

*própria criatividade. Dizia: é um livro de ficção científica, mas é um livro de crença na capacidade do brasileiro de retirar das poucas forças, grandes soluções.*

*Quando a Revista "Memória" pediu-me para escrever um pequeno artigo sobre o amigo Menotti, que após a morte de Antonieta Rudge, foi cuidado, como um pai, por esta santa, que é Helena, filha de Antonieta, preferi, como já uma vez ocorreu em palestra que sobre Menotti proferi na Academia Paulista de Letras, lembrar o velho amigo, que era antes de tudo um paulista. O imortal brasileiro, que exaltou a terra em que nasceu e que não se desanimou nunca com as crises, que explodiam a seu redor. O poeta, desenhista, filósofo, jornalista, historiador, romancista e crítico que foi Menotti, multifacetado gênio de uma geração humanística, como as Escolas especializadas já não mais formam, nos dias de hoje. E assim agi porque entendo que a Revista "Memória" é uma publicação que procura --como o ourives, que encontra os ângulos mais lindos da pedra lapidada-- facetas novas e surpreendentes dos grandes vultos e fatos de nossa história. E creio que a lembrança que os amigos guardam dos grandes vultos é também uma forma de cultivá-los, como o faço com Menotti, rendendo a justa homenagem a seu talento e reduzindo um pouco a saudade que sinto por sua ausência.*

*Artigo publicado pela Revista Memória da Eletropaulo.*